

# Segredos de uma dona de casa<sup>1</sup> ...

## ... e sua sexualidade

Três da tarde ainda, ficava ansiosa. Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. (...) Apanhava o litro de martíni, desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra. (...) Quatro horas, vontade de descer, perguntar se o carteiro chegou, às vezes mais cedo. Por que há de vir? Melhor esperar, pode despertar desconfiança. Porteiros sempre se metem na vida dos outros, qualquer situação que não pareça normal, ficam de orelha em pé. Então, ele passará a atenção no que o carteiro está trazendo de especial para a mulher do 91 perguntar tanto, com uma cara lambida. Ah, aquela não me engana! Desistiu. Quanto tempo falta para ele chegar? Ela não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de uma esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão seria muito difícil viver. (Brandão 2000, p. 471)

O texto inicia falando da organização do dia-a-dia da mulher protagonista da estória, e sua ansiedade frente a uma carta que vai chegar. O conto, num vai-e-vem dos fatos, vai costurando a estória de vida da mulher, sua educação e os pensamentos que a carta suscita.

Já no início do conto, Brandão nos descreve uma mulher presa à regras, ele diz que ela "não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos" (p. 471). Isso nos faz pensar em uma pessoa que não se permite experimentar novos meios lidar com a realidade, ou mesmo brincar com a realidade se esta a pegasse de sobressalto. As regras sociais que ela escolheu para pautarem sua vida são rígidas - "podem achar que você é alcoólatra" (...), "Ah! Aquela não me engana!" (p. 471) - cerceiam seu mundo e suas atitudes; não são guias, mas sim obrigações. Onde e como essa mulher pode obter prazer? Sua vida está paralisada pelas tantas regras que estabeleceu para si.

Pode-se perceber aqui que há um crescente de ansiedade em torno da carta que vai chegar. E o que traz essa carta, o leitor fica curioso. Essa carta contém vinhetas de um

---

<sup>1</sup> Texto publicado na Pulsional Revista de Psicanálise, nº 174, ano XVI, outubro de 2003.

relacionamento com altas doses de erotismo. Aquela mulher que não gosta de nada fora do lugar, transgride a regra e recebe cartas anônimas e eróticas as quais a deixa muito excitada. Mas como era sua relação com o marido? Ela ocupava-se das tarefas domésticas, apresentava-lhe uma casa asseada, filhos bem educados, e cumpria seu papel de esposa na cama como uma obrigação, tinha que ter relações sexuais quando ele queira. A mulher, podemos inferir que na relação com seu marido, não podia mostrar-se sexuada, a sexualidade é obscena, deve ser escondida.

Com essas cartas ela pode estabelecer novas relações - um relacionamento mais erotizado e

sexualizado - e portanto buscar novas formas de satisfação sexual, que estavam reprimidas por tantos anos. O conto nos sugere que sua vida sexual não é prazerosa, nesse momento, seu prazer estava em receber as cartas e lê-las.

Qual é o objeto de desejo para essa mulher do conto? Podemos pensar aqui que o prazer está no recebimento e na leitura das cartas e seu objeto de desejo é uma relação erótica. Nas cartas, alguém lhe apresenta um mundo onde é possível sonhar, fantasiar com os seios da amada desconhecida, e ela pôde fantasiar esse amante, provavelmente como sendo um homem ardente, cheio de imaginação, cheio de amigos e festas para levá-la. E seu marido, não era ardente, não a permitia fantasiar?

Sim, ele era ardente, desejava-a eroticamente como uma amante, também. Era carinhoso, lhe admirava os órgãos genitais, mas ela tão pudica, que acreditava que o "amor cai sobre a gente como a lua em noite junho" (p. 474) e que jurava conservar "a mesma pureza de menina encantada com a vida" (p. 475) não podia suportar um homem que a desejasse sexualmente, que lhe afirmava que ela era sexuada.

Assim, ela não pôde ser uma amante para seu parceiro, mas apenas mulher, que está em casa para realizar os "desejos"<sup>2</sup> que ela julga serem bons para ele - fazer comida para ele comer, estar na cama para ele ter relações sexuais, deixar as roupas dele prontas para ele se vestir, arrumar a cama para ele se deitar e dormir. Nessa relação, ela tirava-o

Quase cinco. E se o carteiro atrasar? Meu deus, faltam dez minutos. Quem sabe ela possa descer, dar uma olhadela na vitrine da butique da esquina, voltar como quem não quer nada, ver se a carta já chegou. O que dirá hoje? *Os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida*. Ficava excitada só de pensar. (Brandão 2000, p. 472)

Uma vez, o marido tinha dito, resfolegante, no seu ouvido, logo depois de casada, minha linda bocetinha. E ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar. (Brandão, p. 472)

---

<sup>2</sup> Aqui a palavra desejos está entre aspas pois tem o sentido popular e não psicanalítico.

do jogo de sedução própria dos amantes, cortava suas fantasias logo elas emergiam. Ela está mais perto de uma empregada de seu marido do que de uma esposa.

Quando ela diz que conservava "a mesma pureza de menina" pode-se perguntar como foi feita a descoberta da sua sexualidade. Esta descoberta pressupõe uma perda da pureza da criança, requer ação de investigação, tal como saber de onde vem os bebês, a diferença entre os sexos, investigação do próprio corpo. São algumas curiosidades da criança que a obrigam a deixar para trás a ingenuidade infantil (Freud [1924] 1980).

Todas as crianças percorrem esse território desconhecido em algum momento de suas vidas, e precisam integrar essa experiência no desenvolvimento. Para essa mulher, essa travessia mostrou que ser sexuada poderia ser perigoso, iria atirá-la para uma liberdade desenfreada, enlouquecedora e por isso ela não sustentou a posição de sexuada frente ao marido. Não pode usufruir de seu corpo sexual e ele não conseguiu tirá-la dessa posição infantil e trazê-la para o mundo adulto. Ela não gostava de ter relações sexuais, não gostava de ter seus genitais admirados, não gostava de receber e nem dar carícias. Ele ficou sem poder dar seu carinho à sua amante, não pode satisfazê-la sexualmente e ficou também sem carinho, sem ter seu genitais elogiados, sem os jogos amorosos dos casais amantes. Marido e mulher não puderam integrar seus mundos, ficaram isolados, dentro da mesma casa.

Outro ponto que chama a atenção é notar a ambigüidade de sentimentos que esse correspondente mobiliza na protagonista da estória. Um amante mais ousado nas suas fantasias não teria bom gosto, não seria sensível? Não usaria um papel fino para mandar cartas a sua amante como uma forma de carinho para agradá-la?

Esses contrastes são frutos do pensamento dessa mulher tão pudica que não aceitaria esse tipo de proposta de seu marido. Propostas que ela considera indecentes, mas que a excitam muito quando partem de alguém anônimo. Ela acha que um amante erótico e sexualizado não deveria ser sensível a detalhes, nem estaria preocupado em agradar a mulher. Nas palavras da mulher: "homem, sabe-se como é, é aproveitador, não deixa escapar ocasião de humilhar a mulher, desprezar, pisar em cima" (p.472). Ao mesmo tempo que os homens são aproveitadores, eles são adoráveis e excitantes.

Dia sim, dia não, o carteiro trazia o envelope amarelo, com tarja marrom, papel fino, de bom gosto. Discreto, contrastava com as frases. Que loucura, ela jamais imaginara situações assim, será que existiam? Se o marido algum dia, tivesse proposto um décimo daquilo, teria pulado da cama, vestido a roupa e voltado para a casa da mãe. (Brandão 2000, p. 472)

Para exercer seu papel de amante, ela escolheu um parceiro anônimo. Talvez por causa do anonimato ela podia exercer sua sexualidade, ter desejos e fantasias eróticas. Podemos ver aí, uma mulher rígida com relação à sua sexualidade, limitando seu marido. Ela se sente aliviada quando ele não lhe pede uma relação sexual, ou seja, ela se mostra como uma mulher que não tem desejo sexual, o desejo é dele, mais genericamente dos homens. Ele não pode tentar fazer uma declaração de amor mais arrojada, que ela lhe *joga um balde de água fria*, ou então fazer um carinho diferente que ela também o coloca de lado.

Sua sexualidade é para ser vivida solitariamente, pela escrita e muito mais ... pelo segredo. É a máxima intimidade consigo mesma, é o desejo de Narciso realizado (Freud [1914] 1980).

Pensando em uma linha desenvolvimentista, essa mulher não saía de uma relação narcísica com seu objeto, pois seu objeto de amor deve corresponder ponto-a-ponto ao seu desejo (Freud [1905] 1980). Conviver com o diferente, demanda suportar uma dose de frustração na relação, pois o outro nem sempre corresponde ao que é desejado. Nota-se isso no decorrer do texto de Brandão, quando a mulher comenta que o marido lhe falou "bocetinha linda", ou lhe propôs sexo oral, e ela achando que isso eram obscenidades para se propor à uma mulher casada, tirou-o do jogo amoroso. Pode-se perceber um casal desencontrado nos seus modos de satisfação sexual.

Aqui no conto, o marido não procura mais sexo oral, não faz elogios aos genitais da companheira. A lição foi aprendida: sexo é o ato genital, e os órgãos sexuais não devem ser elogiados (nem tampouco admirados). Até parece um casal adulto - atingiram a genitalidade, outras formas de obtenção de prazer foram deixadas para trás. Só, que assim como Freud fala da genitalidade como forma adulta de satisfação sexual, também nos dá subsídios para perceber que esse casal pratica sexo genital à custa de uma grande dose de repressão das outras zonas erógenas (Freud [1915] 1980). Não é à toa que as cartas lhe proporcionam tanto prazer, ao ponto dela dizer: "Amo essas cartas, necessito, se elas pararem vou morrer" (p. 477). As cartas lhe proporcionam um prazer muito primitivo, remetem-na ao período narcísico por isso são vitais a essa mulher-bebê.

A mulher dessa estória não aprendeu a exercer a sexualidade, ela ficou presa à padrões morais antigos, que equiparavam a sexualidade a obscenidades. Ela não é obrigada a fazer nada, todavia não se permite ter prazer na relação sexual com seu marido

Não posso esquecer um dia que os pelinhos do bigode me raspavam, ele estava com a cabeça entre as minhas pernas, brincando. Vinha subindo, fechei as pernas, não vou deixar fazer porcarias desse tipo. Quem pensa que sou? (...) E o bigode faz cócegas, ri, ele achou que eu tinha gostado, quis tentar fazer de novo, tive de ser franca, desagradável. Ele ficou mole, inteirinho, durante mais de duas semanas nada aconteceu. O que é um alívio para a mulher. (Brandão 2000, p. 474)

e então vai buscar nas fantasias essa satisfação. Essa é a forma mais antiga de satisfação como o bebê que ao chupar o dedo fantasia o seio que o satisfaz. É a reinvenção da roda por esta mulher, reinvenção de uma satisfação narcísica.

É nessa singularidade de discurso, que devemos escutar essa mulher. Sair à busca de seus porquês, o que lhe causa esse sofrimento de não poder ter prazer na relação sexual com seu marido, e que a obriga dispendir uma grande energia na espera e leitura das cartas. Os dias nos quais devem chegar a carta, são longos dias de espera, de intensa ansiedade para lê-las e não ser descoberta no seu segredo. Mas seu inconsciente quer sair dessa prisão. Sua dispensa está cheia de latas de molho (que são seu disfarce para sair de casa para ler as cartas), e por outro lado, ela guarda essas cartas eróticas na cesta que a família recebeu por ocasião do Natal. O dilema de como ser sexualizada sendo uma mulher casada, uma dona-de-casa ganha um simbolismo.

Ela, com esse comportamento de receber cartas anônima e ter um amante (mesmo a nível de fantasia), rompe com seus padrões rígidos de rotina, e mergulha em uma grande fantasia de liberdade, a qual beira a libertinagem, a loucura, o amor desmedido. Toda essa liberdade faz com que ela sinta medo de seu próprio desejo que é largar sua casa e sua família e seguir com seu amante fantasioso. Para essa mulher, o prazer está fora de casa.

Se nos deixarmos envolver pelo clima do conto podemos sentir a mesma confusão da mulher. As liberdades das vinhetas das cartas são entremeadas por notas de uma educação muito contida. O trabalho analítico com essa mulher poderia remetê-la ao sentimento de confusão que sua sexualidade traz e fazê-la sentir liberdade para falar sobre suas fantasias. Isso talvez a ajudasse a sentir-se livre com seu corpo e com seu companheiro, e pudesse desfrutar de sua sexualidade de outros modos<sup>3</sup>.

Hoje é sexta-feira,  
meu marido chega mais  
tarde, passa pelo clube para  
jogar squash. A casa fica  
tranqüila, peço a empregada  
que faça omelete, salada, o  
tempo é inteiro meu. Adoro  
as segundas, quartas e  
sextas, ninguém em casa,  
nunca sei onde estão as  
crianças, nem me interessa.  
Porque assim me deito na  
cama (adolescente, escrevia  
o meu diário deitada) e  
posso escrever outra carta.  
Colocada amanhã, ela me  
será entregue segunda.  
(Brandão 2000, p. 477)

---

<sup>3</sup> Antigamente, falava que uma menina bem educada tinha 'bons modos'. Aqui, essa palavra pode significar 'maus modos', pois os bons modos aprendidos aprisionaram-na, assim como de outras maneiras ou jeitos.

## Referências Bibliográficas

- Berlinck, M. T. - Psicopatologia Fundamental. SP: Ed. Escuta, 2000
- Brandão, I. L. - Obscenidades para uma dona-de-casa. In *I Moriconi (Org.) - Os Cem Melhores Contos do Século*. RJ: Objetiva. 2000. pp. 471-477
- Freud, S. - Três Ensaio sobre a Sexualidade (1905). In *ESBOPCSF*, trad. de Jayme Salomão. RJ: Imago. 1980. vol. VII, pp. 123--252
- \_\_\_\_\_ - Sobre o Narcisismo: Uma Introdução (1914). In *ESBOPCSF*, trad. de Jayme Salomão. RJ: Imago. 1980. vol. XIV, pp. 85-119
- \_\_\_\_\_ - As Pulsões e suas Vicissitudes (1915). In *ESBOPCSF*, trad. de Jayme Salomão. RJ: Imago. 1980. vol. XIV, pp. 129-162
- \_\_\_\_\_ - A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In *ESBOPCSF*, trad. de Jayme Salomão. RJ: Imago. 1980. vol. XIX, pp. 215-224